

EPIGRAMAS DE MARCIAL (Liber III, 8)

'Thaida Quintus amat.' Quam Thaida? 'Thaida luscam.'	Thaida (ac. f. s.): Thais; luscam (ac. f. s.): caolho
Unum oculum Thais non habet, ille duos.	oculum (ac. m. sing.): olho

GOOGLE TRADUTOR	TRADUÇÃO LITERAL
"O amor Thais. 'Como Thais? 'Thais de olhos." Uma coisa que não tem o olho do Thai, os outros dois deles.	'Quintus ama Thais.' Qual Thais? 'Thais caolha.' Um olho Thais não tem, ele dois.

TRADUÇÃO de Laura Rosane Quednau
"Quinto ama Taís." Qual Taís? "Taís, a caolha." Taís não tem um olho; ele não tem nenhum dos dois.

TRADUÇÃO de José Dejalma Dezotti
<i>Qual Taís que Quintus ama? 'A tal caolha, ora pois.' Se a ela falta um olho, A ele faltam os dois.</i>

EPIGRAMAS DE MARCIAL (Liber V, 43)

Thais habet nigros, niveos Laecania dentes.	niveos (ac. m. pl.): níveo, branco como neve
Quae ratio est? Emptos haec habet, illa suos.	ratio (nom. f. s.): razão; emptos (ac. m. pl.): comprado

GOOGLE TRADUTOR	TRADUÇÃO LITERAL
Thais tem dentes escuros neve Laecania. Qual é a razão? O primeiro é um comprador, e ela a dela.	Thais tem negros, brancos como a neve Laecania dentes. Qual é a razão? Comprados esta tem, aquela seus.

TRADUÇÃO de Laura Rosane Quednau
Taís tem dentes negros; Lecânia, dentes brancos como a neve. Qual é o motivo disso? Os desta são comprados; os daquela, seus próprios.

TRADUÇÃO de José Dejalma Dezotti
<i>Taís tem pretos os dentes, Lecânia, brancos, nevados, É que os de Taís são próprios, E os de Lecânia, comprados.</i>

Cartas

De Nicolau Clenardo

Duas cartas de Nicolau Clenardo (1493-1542)

Tradução de Claudiberto Fagundes¹

email: claudiberto@yahoo.com.br



Nicolau Clenardo (Cleynarts ou Cleynaerts) foi um humanista renascentista. Nasceu em Diest (na atual Bélgica), em 5 de dezembro de 1493, mas passou grande parte da vida na península hispânica. Estudou Teologia e se licenciou em 1519 juntamente com seu amigo Látomo (destinatário da segunda carta aqui apresentada), a quem chama sempre de “professor” e “caríssimo professor.” Aprendeu “as três línguas” (latim, grego e hebraico) e passou a ensiná-las, primeiro o hebraico e depois o grego. Em 1531 abandonou Lovaina, partindo para a Espanha. Procurando novos métodos de ensino, escreveu vários ensaios gramaticais: a Gramática hebraica (1530) e as Meditações Gregas (1531) além de várias obras para o ensino de latim. Convidado pelo filho de Cristóvão Colombo, D. Fernando, dedicou-se à organização de uma biblioteca em Sevilha. Em outubro de 1531, partiu para a Espanha com D. Fernando Colombo e o amigo Vaseu. Sendo professor em Salamanca, aceitou a proposta da Rei de Portugal trazida por André de Resende, chegando a Évora, onde estava a corte, em 1533. Em Évora permaneceu até 1537. Passou depois por Coimbra, Braga, Castela, Sevilha, Marrocos, Granada. Faleceu em setembro de 1542, sendo sepultado em Alhambra, longe da sua terra natal e de Portugal, sua segunda pátria.

¹ Professor de Latim no NELE (Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão) da UFRGS. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS.

Carta a Rutgero Réscio (páscoa de 1535): trata do ensino do latim através do método direto.

NICOLAUS CLENARDVS RVT- 11
GERO SVO, S. P. D.

HODIE Pascha est, mi Resci, & rebus diuinis ani-
mus occupandus fuit: dulce mihi tamen est, vel sic
leuiter tecum fabulari: queroque quid dicam, quod li- 10
teris tuis mihi ad plenum respondisse videar. Quid er-
go? in mentem venit, vt sus Mineruam doceam. Quæ
quælo in re? In filio tuo Ioanne. Est hic nobis in ædi-

Nicolau Clenardo, a Rutgero Réscio, muita saúde.

Meu caro Réscio, hoje é Páscoa e precisei ocupar meu espírito com as coisas divinas; por isso, agora muito me agrada conversar contigo sem preocupação. Estava me perguntando qual seria a melhor maneira de responder à carta que enviaste. Mas como? Lembrei do ditado do porco ensinando Minerva. Sabe a que me refiro? Ao teu filho João. Aqui na casa do Arcediago, de quem sou hóspede, temos entre nós um pequeno bastante inteligente, filho de um francês muito amigo do dono da casa. Assim que eu descobri as qualidades do menino, perguntei: Por que então o Dionísio não aprende latim? Eles responderam que o pai, comerciante em Lisboa, queria que o menino primeiro aprendesse a escrever corretamente o português. Não foi difícil convencê-lo do contrário, mas, como educá-lo em latim se aqui não existe nenhum professor que fala latim regularmente? Então eu disse: - Vou me encarregar dele, só precisa que esteja conosco nas refeições e vai se acostumar.

- E assim se aprende latim?
- Por que não? Não foi assim que vocês aprenderam a falar português, sem nenhum professor a não ser a prática?
- É verdade. Mas o caso do latim é diferente.
- É exatamente o mesmo caso. Era assim que os pequenos romanos aprendiam antigamente.
- Para encurtar a conversa, pedi que o menino viesse todos os dias ao meu quarto e comecei as atividades como uma brincadeira, mais por distração do que como um trabalho sério. Perguntarás então:
 - Mas não ensinaste as declinações e conjugações?
 - Claro que não.
 - Como então conseguiste trabalhar com esse menino português se tu não sabes nem uma só palavra nessa língua?

- Consegui um caderno e escrevia para ele uma ou outra linha: *Salve domine, ut vales? Bene? Ex animi sententia*. Ele lia e repetia de cor ou recitava em voz alta durante o jantar. Como não conseguia gravar a frase completa, assim que me via já ia dizendo: - *Salve domine*. Eu respondia sempre em latim: *Et tu quoque vales recte?* Ele não sabia o que responder e, como eu não podia explicar em português, ensinava por meio de gestos para que respondesse: *Etiā domine*.

No dia seguinte a lição continuava: - *Quomodo valet dominus Archidiaconus? Fecit rem divinam? Ubinam est? Domi an in templo?* E tudo isso ele recitava também com o caderno. Para rir um pouco cheguei até a passar-lhe mesmo algumas coisas de grego: *pos echeis o philei? Katá gnómen, os dínamai, kai mé os boulomai*. Ele ia lendo junto comigo, não porque entendesse alguma letra, mas porque a primeira linha formava a frase: *pos echeis o phile*, e assim por diante.

Para encurtar a conversa, ele avançou tanto com o método de uso e leitura diária dessas frases que agora já entende tudo o que nós dizemos à mesa, e só me ouve e fala comigo em latim. Às vezes chego a falar com ele uma hora inteira, tudo entende perfeitamente, e leva a conversa para a frente com muita desenvoltura. Isso que no resto do tempo em casa ele só ouve falar português.

Imagina como seria então o teu pequeno João que em casa mais ouve falar latim que alemão! Se fosse eu o responsável, ele não tocaria na gramática antes de aprender a prática da língua. Vai fazer sete anos, valeria a pena escrever para ele todos os dias algumas linhas sobre o cotidiano: *Ioannes ubi est mater? In culina. – Quid agit ancilla? concinnat lectos. – Abi, defer hunc libellum ad praelum*.

Cada dia irá aprendendo um pouco mais até o ponto de conseguir ler as regras dos gramáticos por si mesmo ou, inclusive, de não ter mais necessidade de fazer isso. E não tem problema se não aprender tão bem em quatro anos a ponto de falar tudo, por assim dizer, corretamente. Qual o perigo de corrigir esses vícios aos dez anos? Por outro lado, de quantas chatices tu não terás poupado a criança com esse método? O que é preciso é evitar orações muito compridas, pois o período nunca deverá ter mais que seis ou sete palavras. Depois, tudo precisa ser escrito em forma de diálogos. Mas não precisam ser grandes, o importante é que cada página apresente um pequeno trecho de um diálogo.

Que bobeira a minha, meu caro Rutgero, eu te alertando para essas coisas. Mas, se já dei uma de bobo, vou continuar: Se Quintiliano fosse vivo não aconselharia o nosso pequeno João a começar pelos gregos: naquela época era assim, hoje é diferente, principalmente porque não temos com quem aprender a língua grega através dos usos diários.

Para te convencer ainda mais a não desprezar esses meus conselhos, vou contar mais uma: Aqui há um menininho de quatro anos, filho de um pai tão apaixonado pelo latim que ensina o filho em latim pelo mesmo método que os outros ensinam em português. Essa criança virou um prodígio. Faz um ano que recitou de cor diante do meu príncipe alguns versos do segundo livro da Eneida.

Declamou aquela fala de Laoconte com tanta autoridade que nem o autor poderia ter feito de um modo mais sério. Continuando a encarnar o poeta, quando chegou aquele trecho: "*Sic factus validis ingentem viribus hastam...*" imitava tão bem os gestos que achei estar vendo o cavalo de Tróia balançar. Mais admirável ainda é que conhece perfeitamente as diferenças de gênero e dos tempos, não fica devendo nada aos nossos alunos de dez anos, senão que tal conhecimento da língua parece destoar de tão pequena idade.

Poucos dias convidei ele e o pai para virem almoçar conosco. No dia seguinte o menino mandou uma cartinha com os cumprimentos. Estou mandando essa carta para que alimentos ainda melhores esperanças sobre o teu pequeno João, para que ele se firme mais na prática da língua que nesses gramáticos carniceiros. Adeus, meu caro Rutgero.

Escrita em parte ontem e em parte hoje, isto é, um dia depois da Páscoa. De fato, ontem, quando estava escrevendo vieram me chamar para a ceia e não tenho o costume sequer de olhar para os livros depois da refeição do final da tarde. Se acontece de eu voltar para o quarto antes das oito horas da noite, já entro direto no ninho. Gosto tanto de estudar bem cedo que prefiro acender a luz de manhã que quebrar a cabeça de noite. Meu caro amigo, peço que não te esqueças de escrever uma carta bem longa, assim que puderes, para tagarelarmos agradavelmente à moda antiga.

Évora, segunda-feira depois da Páscoa, ano de 1535.

Carta a Látomo (26 de março de 1535): Clenardo relata os motivos de ter abandonado Salamanca e várias peripécias na viagem até Portugal. Mas, talvez o mais interessante sejam suas expressões (e preconceitos?) que fazem dessa carta “documento essencial para o estudo da sociedade portuguesa na primeira metade do século XVI” (CEREJEIRA, p. 268). Tiago Látomo foi grande amigo de Clenardo e professor em Lovaina.

25 **CLENARDVS LATOMO SVO S.**
PVT O te, mi praeceptor, iam nuper audisse, quo
pacto relicta Salmantica venerim in Lusitaniam, vo-
catus a Rege. Placebat fanè celeberrima illa mihi Aca-
demia, nec paucos amicos mirè candidos, & doctos

Clenardo, ao caro Látomo, Saudações.

Meu professor, acho que já ouviste falar do motivo pelo qual deixei Salamanca e do convite do Rei que me fez vir a Portugal. Eu me agradava muito daquela universidade, a mais célebre de todas, onde encontrei tantos amigos brilhantes e doutos com os quais ninguém poderia rivalizar em conhecimento. Acho que, se eles pudessem, mandariam me dourar como uma estátua para terem sempre no seu grupo esse tão humilde estrangeiro. Realmente teriam conseguido se eu ficasse mais tempo, tamanha era a estima que alcançou esse teu inepto aluno, que fica tão acanhado quando precisa lisonjear ou simplesmente ser amável com alguém, como bem sabes.

Mas foi muito rapidamente que a proposta do Rei me arrancou de lá. Não porque pensasse que aqui haveria de receber um salário maior do que ganhava na universidade, e que prometia ainda aumentar no futuro, mas porque, como me mantenho longe do barulho e sou muito amigo da solidão, decidi escolher a vida que levo agora porque é mais adequada e me dá muito mais tempo livre.

Quando eu estava na universidade era preciso enfrentar o público todos os dias. Precisava encontrar muitas pessoas com as quais tinha que fingir ou manter relações comuns daquela amizade vulgar baseada na troca de cumprimentos e, da mesma forma como pode começar com um mero tirar de chapéu, pode acabar para sempre ao menor descuido com uma deferência. Mas eu sou muito estúpido e nasci há tempo demais para querer mudar qualquer coisa agora. Além disso, toda essa civilidade não é nada fácil para um camponês como eu, principalmente quando nascido sob um céu eternamente acabrunhado.

Havia também um costume muito praticado nesses lugares, inclusive existe entre os italianos, de imediatamente terminada a lição os alunos se dirigirem,

quaisquer que sejam, até os professores como a verdadeiros oráculos. Nesses momentos, qualquer coisa que o universitário encontre na cabeça e lhe venha à boca, se o professor não ouvir com toda a paciência e comentar como se fosse algo muito sério, estaria mostrando negligência ao seu patrão. Depois, se chegar a abrir uma vaga para cátedra, o aluno malvado se vingará escondido na multidão, e ele, o único que não temias, vai então te tirar um monte de votos e de nada adiantará toda a tua mais insigne erudição.

Nunca viste tais grupos em Lovaina, na frente da livraria do Gaspar, que chamam de Chancelaria dos novatos? Para cada professor que existe em Lovaina há um grupo desses alunos e deles os professores têm que aguentar muito mais chatice que durante uma hora inteira de aula. Mas a grande maioria dos professores fica feliz com o seu destino e consegue tirar daí um indicativo certo para suas futuras disputas acadêmicas, pois passam facilmente para o grupo que a pesquisa de opinião começa a indicar. Embora também existam os que não precisam dessas coisas, especialmente os que já conseguiram as cátedras mais altas e não querem outras ainda maiores, mesmo assim, tais práticas permanecem tão fortes que muitos se sujeitam a elas.

De resto, todos conhecem a lei que obriga qualquer catedrático (como chamam) a permanecer na porta da sala de aula depois da lição, oferecendo-se para responder às dúvidas dos alunos. Assim sendo, também eu precisei carregar essa tarefa inseparável do múnus de ensinar, mas bem deixava perceber que não me agradava nem um pouco aquelas conversas e que não me acostumava com semelhantes costumes. Para dizer a verdade, mesmo antes de fechar o contrato e ser apresentado ao público, já tinha deixado clara a minha posição: o costume me desagradava muito e, apesar do que diziam os estatutos, queria uma maior liberdade. Contudo, já bem sabia que seria preciso me expor ao público, bem mais do que gostaria um bicho do mato como eu, e bem mais do que é conveniente para os meus estudos pessoais.

Foi assim que aceitei a proposta de Portugal, sem nem imaginar o que estava me esperando. Mas não me canso de agradecer a Deus por ter me dado essa coragem ante a admiração de toda a Salamanca. Realmente, recuperei o repouso e a tranquilidade, coisas com as quais nem mais podia sonhar. Tão logo acaba o serviço, volto direto para casa e não tenho mais nada para fazer na corte. O trabalho com o que aqui me sustento é muito menor que aquele pelo qual me pagavam cem *philippus*, com a diferença que Portugal me paga em reais o dobro que a minha pátria pagava em *philippus*, às vezes mais. Mas não é o caso de contar vantagem porque não é uma quantia tão grande assim e, além disso, também eu não sou tão gastador. Só me preocupo em estar sempre contente com o que tenho, especialmente agora, até que enfim, consegui me libertar do que tanto me atormentava na minha pátria. Sei que vais perguntar: Como assim? Achas que é tão pouco os quinhentos *thalers* do Reno que correspondem aos 100.000 reais

portugueses? Para começar, nem vou mencionar que é impossível outro lugar no mundo onde as coisas sejam tão caras. Também não vou dizer que um *thaler* do Reino em Lovaina vale mais que um ducado de ouro em Portugal: paro por aqui e quero que tires a tuas próprias conclusões a partir do relato da minha viagem.

Se há um lugar no mundo onde a agricultura sempre foi considerada com o maior desprezo, sem dúvida esse lugar é Portugal, onde me encontro. Antes de mais nada, saiba que isso que entre todos os povos é considerado a força propulsora da nação, aqui é de extrema debilidade. Se há um povo mais dado à preguiça que não seja o Português, também ainda não sei onde se encontra. Falo especialmente de nós que habitamos o além Tejo e respiramos mais de perto os ares da África. Se não houvesse uma multidão de estrangeiros e nossos conterrâneos para exercer aqui os ofícios manuais, acho que não teríamos sapateiros e nem barbeiros.

Falando em barbeiros, por meio deles poderás avaliar muito melhor a situação que me encontro. Escuta só, não é uma dessas histórias de lobisomens que se contam nas barbearias, mas a história de como a península hispânica me tornou tão caro fazer a barba. Antigamente alguns julgavam os filósofos pela barba, agora poderás também deduzir sabiamente o quão farto e feliz retornarei. Ah, se eu estivesse em Salamanca...

Mas acho que primeiro é bom estabelecer a tarifa da moeda para depois poderes contar nos dedos quantas delas tenho que tirar da bolsa. Em Castela um ducado vale onze reais, moedas de prata que talvez Budeu avaliasse em quatro sestércios. Pensa só que em Salamanca não se paga menos que meio real, mas na época eu dava apenas uma oitava parte disso ao meu barbeiro, Pedro Formoso. E ele ainda arrumava o meu cabelo com todo o jeito e cuidado, e passava a navalha na barba com a mais leve das mãos. Aqui a navalha me enche os olhos de lágrimas como nem o conseguiria a música fúnebre dos enterros. Por isso não me admiro que existam mais barbudos na península hispânica que em toda Flandres.

Continuando, vamos fazer as contas do que custa a barba. Um ducado português vale quatro *tostões*, moedas de pratas como as que chamamos de *dormidores*. Cada *tostão* contém cinco vinténs, pequena moeda que vale pouco mais ou menos dois *stuiver* da nossa moeda. Têm esse nome porque fazem vinte moedas de bronze: é a essa vigésima parte de um *vintém* que aqui chamam de *real*. Castela usa o mesmo nome para a undécima parte do *ducado*. Continuo com a divisão porque esse assunto poderá ser muito útil. O *real* português contém seis *ceitis*. Resumindo: *ducado*, *tostão*, *vintém*, *real*, *ceitel*. Então vais perguntar: quanto te leva a navalha portuguesa? Nada menos que trinta reais por semana! Vai dizer que não é demais.

Agora vamos calcular do nosso jeito e, tirando os detalhes, façamos uma conta rápida. Avaliando trinta reais em três *stuiver*, chego rapidamente a seis

philippus por ano, ou, para aumentar ainda mais a conta, sete *thalers* do Reno. Imagina se chego para o meu tio, o questor de Diest, e peço uma renda anual de quinze *florins* só para cuidar da barba, quantia que é bem maior que o patrimônio de muita boa gente! Mas é assim que tenho vivido já há quase um ano, pois, se oferecer menos, o barbeiro não volta nunca mais e, para que conheças melhor essa gente, não volta mais nem que eu vá lá implorar.

Aqui não há muitos artesãos e não existe o costume de eles oferecerem suas mercadorias. Quase tudo, além de pago, precisa também ser implorado. São hábitos tão enraizados que parece que as coisas perdem o valor quando são oferecidas. Ninguém quer outra carne senão a que conseguimos arrancar, por assim dizer, das mãos do açougueiro depois de esperar duas ou três horas, de pé, no mercado.

Mas ainda não acabei a catastrófica história da navalha: queres ser barbeado? Manda então um teu criado implorar para que o barbeiro venha. Depois? Fica esperando até ele chegar, mas não como os nossos, trazendo escova, pente e bacia. Não fica nada bem que um homem tão chique carregue coisas na mão. É o teu criado, teu próprio criado em pessoa, quem precisa trazer a escova e a bacia, e depois voltar junto para levar. Se não for assim vais ficar por tosquiar como Apolo. Em Portugal todos somos nobres e é uma grande vergonha alguém exercer uma profissão. Achas que uma dona de casa vai até a praça para comprar peixe ou legumes? A única coisa que as mulheres usam aqui é a língua e o indispensável para o casamento. Mesmo que oferecesse um quarto do que ganho não conseguiria arranjar uma delas para cuidar da casa e dos meus bens, como em nosso país. Acho que perguntarás: Como então se vive nessa terra?

Os escravos estão por todos os lados. Todo o serviço é feito por negros e por mouros escravizados. Acho mesmo que em Lisboa existem mais escravos e escravas que portugueses livres. Não é nada fácil achar uma casa que não tenha ao menos uma dessas escravas. É ela que vai ao mercado comprar as coisas necessárias, lava a roupa, varre a casa, carrega a água e despeja os dejetos domésticos e humanos na hora adequada; em resumo, só é diferente de uma jumenta de carga na aparência. Os mais ricos têm escravos de ambos os sexos e muitos donos fazem ótimos lucros com a venda dos filhos dos escravos que nascem em casa. Chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas para vender no mercado. Por isso, não se importam nem um pouco com a gravidez das escravas; pelo contrário, ficam felizes que isso aconteça porque o fruto segue a condição do ventre, e ninguém pode reclamá-lo para si, nem o padre vizinho, nem qualquer um dos africanos ou escravos.

Diga-se de passagem que o maior número de devotos de Vênus está na península hispânica, nada menor que o dos antigos tebanos e, principalmente, estão em Portugal, onde acredito que é coisa extraordinária um jovem contrair matrimônio legítimo. Foi por isso que ultimamente me preocupei muito com

a chegada do meu irmão. Temia que na tão perigosa idade em que se encontra fosse me dar muitos trabalhos fazendo ajuntamento com seus semelhantes. Felizmente para mim, Portugal não agradou o rapaz. Ainda mais, acho que não há ninguém que, depois de ter visto os incômodos desse país, não se apresse em partir dele se tiver os meios com os quais retornar – tanto são diferentes dos nossos em toda a parte os modos de vida. Mas aqueles que vêm parar aqui porque se desgostaram de suas pátrias, porque perderam completamente o patrimônio, porque foram arrastados por seus parentes ou não têm mais nenhuma esperança de regressar, agarram-se com todas as forças ao que o destino lhes oferece. Vão se deixando aprisionar por esses costumes onde vigora a libido e a libertinagem, desaprendem o que significa ter um lar e se acostumam a suportar a miséria e os incômodos da nova existência. Assim aconteceu comigo.

Para te convencer melhor de como posso aprender a aguentar os costumes dessa gente, quero agora passar rapidamente os olhos sobre os lugares que percorri na minha viagem. Meu caro Látomo, assim que te deixei me senti imediatamente tomado de dor por abandonar todos os meus conhecidos e partir para o meio de pessoas completamente estranhas. Ficamos dois dias em Paris, mas entre amigos, embora eu sempre me via como um estrangeiro. Com imenso prazer contemplamos a Aquitânia. Ó pedaço feliz da Franca que nos leva ao tûmulo de São Martinho! Bem poderíamos dizer com Pedro: É bom estarmos aqui, façamos três tendas etc. Mas o nosso guia já estava fazendo tristes profecias sobre nós: anunciou que chegaria o dia em que nos faltaria não só a boa comida francesa, mas inclusive até os simples copos. São coisas que estão escondidas aos nossos olhos e só as conseguimos enxergar mais tarde.

Mal chegamos à Biscaia, na véspera do dia de São Martinho, já seríamos obrigados a jejuar se cada um não tivesse encontrado o que pode: um pão, outro vinho, este peixe, aquele uvas passas. Foi assim que entendi o sentido daquele ditado: *Na França, querendo ou não querendo, prepara o dinheiro; na Espanha, por mais que queiras, não acharás nenhum meio*. Dom Fernando, nosso patrono e profeta, fazia todo o esforço que podia e aplicava toda a diligência necessária para que durante a viagem nada faltasse aos homens de Brabante, tão desacostumados às hospedarias. Mas a índole do país triunfava sempre sobre todos os seus cuidados e generosidade. Se algum dia eu chegar a escrever diálogos, creio que conseguirei descrever com cores das mais vivas as hospedarias espanholas.

Agora, olha só o desastre que nos aconteceu, se não me falha a memória, quando estávamos já não muito longe de Vitória, embora casos como esse poderiam acontecer em qualquer lugar. A mesa havia acabado de ser arrumada e só tinha um copo de vidro para passar servindo de mão em mão. Mas nisso, o que aconteceu? Por um descuido o copo cai das mãos de Vaseu, caiu e se quebrou! E agora, o que fazer? Só nos restou seguir o exemplo do velho Diógenes e beber na concha da mão. Tudo isso aconteceu para se cumprir a profecia que diz: haverá

de faltar até os copos... Outra vez, estávamos jantando quando chegaram novos viajantes e o único copo que existia precisou passar de mesa em mesa. Pois bem, agora já tens muitos dados para tirar conclusões à vontade. A Espanha é muito rica de todo esse tipo de coisas. E foi assim que a Biscaia nos foi desacostumando das doçuras da pátria e nos ensinando a suportar qualquer coisa.

Quando chegamos em Burgos, mesmo estando fervendo de raiva, passamos mais frio que em Lovaina, com a diferença que a nossa lenha para o fogo era muito menor. Lembro bem que em um vilarejo bastante povoado só conseguimos arranjar um pequeno feixe de gravetos, só um e nada mais. Mas, contra todas as previsões, o inverno só ia aumentando. Nem vou falar de Valladolid onde ficamos dez dias esperando uma vaga em Medina del Campo para onde estávamos indo, isso porque a comitiva da imperatriz estava estacionada lá. O nosso alojamento foi a casa da vice-rainha das Índias, esposa do irmão de Dom Fernando. Aí tudo era do bom e do melhor e não faltava nenhuma das comodidades que se esperaria na hospedagem de pessoas de tão alta hierarquia. Logo em seguida parti para Salamanca onde permaneci totalmente dedicado aos meus estudos. Nessa cidade acabei aceitando o pedido do Bispo de Córdoba para educar o filho do seu irmão, o vice-rei de Nápoles. Meus companheiros de viagem continuavam na corte e só partiram definitivamente para Sevilha um ano depois. Em Sevilha um dos nossos companheiros, João Harmônio, teve um ataque e acabou falecendo. Um francês que nos servia, e que trouxemos conosco porque se ofereceu no caminho, se afogou no Guadalquivir. O arrieiro, que também tinha vindo conosco desde Lovaina, morreu em Salamanca. Três anos, três mortos! E ainda não acabou: também o meu caro amigo Vaseu esteve quase à morte em agosto do ano passado, chegando mesmo a ser desenganado, tudo por causa do calor infernal da Andaluzia. Mas por sorte conseguiu escapar e veio me visitar em Évora no começo de outubro. Nessa altura o seu contrato com Dom Fernando já tinha acabado e as altas temperaturas de Sevilha não lhe agradavam. Agora vive em Salamanca onde conseguiu uma ótima colocação, finalmente com o mais completo conforto. Chegou a vez de falar dele, depois volto a contar sobre mim.

Em Salamanca se encontrava o burgomestre de Antuérpia, Francisco de Valle, que viera até a Espanha para receber o pagamento de sua dívida, pois há vários anos é credor do imperador. Essa é uma história muito comprida que agora não vem ao caso. Francisco tem um filho com mais ou menos quinze anos que é dono do priorado da igreja de Salamanca. Isso lhe rende anualmente cerca de 600 ducados, sem contar os outros benefícios que o sobrecarregam. Vaseu é seu professor de estudos e conta com a estima do pai, da mãe e do resto da família. Espero conseguir enviar por meio dele as minhas cartas até vossas mãos. Por isso peço, meu caro professor, que me dê a alegria de também ler as vossas. Podes mandar para Lovaina aos cuidados de Rutgero Réscio, professor de grego, e ele então se encarregará de fazê-las chegar até aqui. Agora volto a falar de mim.

Apesar de manter as melhores relações com os meus amigos de Salamanca, às vezes ficava nervoso com certas coisas, principalmente quando comparávamos o tipo de governo e as características da religião de nossas respectivas nações. Mas até que já não me irritava tanto com essas coisas, mesmo as mais extraordinárias e estranhas, pois já tinha experimentado de tudo e estava farto de surpresas. Mas o tipo de vida que eu levava então, ainda que totalmente diferente do nosso, hoje me parece a própria felicidade se comparado com a vida que se leva aqui em Portugal. Pelo menos em Salamanca há abundância de tudo e é possível até manter a rotina de Brabante. Querendo, é possível arranjar criados e tudo o mais, e são tratados como pessoas livres. Mal coloquei os pés em Évora, achei que tinha chegado em uma cidade do inferno. Por toda a parte esbarrava com negros, raça pela qual tenho tanta aversão que só isso já seria o bastante para me fazer correr daqui.

Não sei se teria ficado em Portugal se a Divina Providência não me tivesse dado por amigo o mestre João Petit, doutor da Universidade de Paris. É um homem muito rico que não só é cônego, mas arcediago da Sé. Vivemos em tão boas relações que a minha ausência seria muito penosa para ele, assim com a sua o seria para mim. Às vezes parece que estou ainda no tempo dos nossos estudos humanísticos. Moro na frente da casa dele e quando o jantar está servido eles vêm me chamar. Durante a refeição é costume ler alguma passagem em hebraico do Antigo Testamento, ou em grego, do Novo. Trocamos as dúvidas um com o outro e ambos saímos ganhando um com a sabedoria do outro, pois ele conhece essas duas línguas e tem em casa dois parentes bastante versados nelas. Em resumo: todos os nossos encontros têm como objetivo as letras e assuntos de piedade e religião.

Até agora ainda não precisei me incomodar com a tal raça dos escravos. Tenho apenas um criado, nosso compatriota, homem já maduro e que entende perfeitamente das tarefas da casa. Encontrei-o em Salamanca. É só ele que me serve e trata dos meus negócios e, como não sou um patrão muito exigente, acho que o seu trabalho não deve ser muito pesado. Mas se quisesse seguir os costumes dessa terra, teria que começar sustentando uma mula e quatro empregados. Como fazer isso? Ora, passando fome em casa e ostentando na rua como um triunfador, ou seja, provando o amargo remédio de dever mais do que se pode pagar. É assim que age um cortesão exemplar! Isso me fez lembrar de um certo indivíduo e, por ele, bem poderás imaginar como são os outros. Este, cujas características passo a descrever, anda de brigas com um estrangeiro, acho que francês, que tinha vindo a Portugal no tempo de Dom Manuel e fazia parte da corte da rainha Leonor. O português ganha o troféu na ostentação exterior, mas o francês tem muito boa mesa. Não sei como o francês conhecia os hábitos locais e, por curiosidade, conseguiu com toda a habilidade o livro onde o português lançava as suas despesas diárias. Por acaso seus olhos caíram

em um trecho bastante engraçado, mas genuinamente português. Encontrou anotada a seguinte despesa diária: água, 4 ceitis; pão, 2 reais; rabanetes, 4 reais e meio. Como durante toda a semana continuavam as mesmas prodigalidades, imaginou que pelo menos no domingo encontraria um grande banquete. Mas, para esse dia o que ele encontrou? Estava escrito simplesmente assim: “Hoje nada, porque não tem rabanetes na praça.”

Caro Látomo, aqui é muito grande o bando desses faustosos comedores de rabanete que, apesar disso, desfilam com mais criados na rua atrás de si do que os que usam em casa. Inclusive, acho que alguns ganham menos que eu, mesmo assim carregam uma comitiva de oito criados sustentados sabe Deus como, com certeza não com abundância de alimentação, mas à força de fome e de outros meios que sou muito estúpido para entender até o fim dos meus dias. E não é muito difícil recrutar essa cambada inútil de servidores. Essa gente prefere qualquer coisa ao trabalho de aprender uma profissão. Mas então perguntarás: Para que serve tão grande séquito? Ora, cada um tem uma tarefa específica, embora todos levem vida mansa: dois caminham na frente, o terceiro leva o chapéu, o quarto leva a capa para caso de chuva, o quinto segura as rédeas da cavalgadura, o sexto é para segurar os sapatos de seda, o sétimo carrega a escova para limpar os pelos da fatiota, o oitavo traz um pano para enxugar o suor do animal enquanto o amo ouve a missa ou conversa com algum amigo; o nono apresenta-lhe o pente quando precisa cumprimentar alguém importante: não vá ele aparecer com as madeixas desgrehadas. Dou testemunho de coisas que tenho visto com os meus próprios olhos.

Com todos esses costumes, achas então que alguém, livre de nascimento, vai se dedicar a algum tipo de trabalho? Mesmo que eu pagasse metade do que ganho não conseguiria arranjar uma criada livre, nem criado que fosse um criado de verdade. Até os nossos próprios conterrâneos, assim que aprendem os usos do país, se apresentam logo como fidalgos: passam a ter vergonha de trazer a carne do açougue e de mostrar que sabem fazer trabalhos manuais. Assim podes calcular como esses costumes são diferentes dos nossos. Mesmo os próprios portugueses não deixam de criticá-los. Mas o gosto da ociosidade se entranhou tanto nessa gente que as pessoas honestas, querendo ou não querendo, não têm outro remédio senão servir-se de escravos, suportando por conveniência o que não conseguem mais evitar.

Queira Deus que a corte fique por muito tempo em Évora, tanto por causa do meu sábio e excelente amigo que é o Sr. Arcediago, quanto pelos meus assuntos pessoais. Se chegam a cair sob o império dos negros, tenho medo de ficar mais tempo aqui do que desejaria; mas se continuo a rejeitar os usos e costumes desse país, não vejo outra saída diante de mim se não me retirar logo para outro lugar, ou então também me resignar a comer miseravelmente os meus rabanetes. Mesmo assim, faço das tripas coração e me alegro mais de

como estou agora do que me aflijo com medo do que possa me vir a acontecer. O que escrevi foi só para te mostrar como as coisas vão indo por aqui. Assim, apesar de estares tão longe, podes ainda continuar a me ajudar com conselhos, como costumavas fazer quando eu estava contigo.

Recordo como várias vezes me chamaste a atenção porque não me preocupava muito com assuntos de dinheiro e não cuidava de juntar uma poupança para a velhice. Até hoje não entrou na minha cabeça isso de ficar olhando para o futuro. É um esforço que não consigo fazer. Espero que, para qualquer lugar de desterro para onde Deus quiser me mandar, sempre me há de arranjar algo para viver. E, se no fim eu não tiver como me sustentar na pátria quando voltar, vou morrer em terra estrangeira: quero viver única e exclusivamente para os meus estudos. Quanto a conseguir fortuna aqui, muitos acham que já estou cheio de riquezas. É tudo pura ilusão: tendo o que comer e o que vestir já ficarei contente, repetindo com Horácio: “Laetus in praesens animus, quod ultra est oderit curare.”

Não foi a esperança de adquirir fortuna que fez de mim um judeu errante, mas sim o desejo do sossego. Esse, por graça de Deus, consegui tão completo que não vou mais deixar escapar, agora que consegui encontrar. Aos que se preocupam com o dia de amanhã só desejo boa sorte. Tenho certeza que estás rindo da minha gavolice, mesmo que eu não possa rir da mesma maneira e que, por isso, talvez te pareça ainda mais engraçado. Mas o que vou fazer se fui de tal modo enfeitado que não quero, por coisa nenhuma, me preocupar com os dias que ainda não chegaram? Toda hora fico me lembrando daqueles meus três companheiros de viagem que morreram. Talvez no quarto ano Deus acrescente ao seu número um quarto morto, e esse seja o Clenardo. De que me servirão então as riquezas se não vou mais poder aproveitá-las? O que eu sempre quis foi escapar das agitações em que a pátria queria me envolver. Estou muito feliz agora que finalmente consegui isso em solo estrangeiro. Só peço uma coisa a Deus: que me conserve sempre nessa disposição de espírito, que deixe aproveitar minha atual tranquilidade e permita que eu, que nunca cobicei viver como um rico, nunca venha a perder o juízo ao ponto de querer morrer em meio ao fausto.

Mas, ainda que a minha amizade por ti não tenha limites, já é hora de encerrar essa carta tão tagarela. Peço perdão, meu caro mestre, para mim e para minhas desmioladas cartas, e daí-me sempre muitas notícias, por favor. Não consegui parar a pena enquanto não desabafei tudo o que queria, tão grande é para mim a recordação de meu amigo Látomo. Já expliquei porque tinha ficado em silêncio até agora. Espero que não leves nada a mal e acredites que vosso amigo Clenardo escreveu sem preocupação nenhuma, seguindo o que o coração lhe ditava. Como queria agora te abraçar e retribuir tuas saudações, conversando juntos sobre milhares de coisas que nunca teriam fim! Já estou ficando emocionado, é melhor terminar por aqui.

Acho que escrevi uma ou duas vezes ao abade Blósio, se bem me lembro, certo que com poucas palavras. Não sei se ele recebeu as minhas cartas, mas tenho certeza que não recebi nenhuma carta dele. Vou escrever mais uma vez e então mandar carta de uma légua e meia.

Desejo muita saúde para a mana. Deus permita que não sofra mais de suas enxaquecas!

O Rei de Portugal aparelhou uma esquadra para acompanhar o imperador na expedição até a Itália. Foi muito muito bem equipada em Lisboa. Eu já achava que a frota tinha içado velas quando soube ontem, por carta recebida de Lisboa, que a partida foi adiada. Entretanto, estão dizendo que o imperador já chegou em Barcelona. Talvez nós é que vamos precisar da ajuda castelhana. Aqui corre o boato que o rei de Fez está vindo até Çafim para sitiá-la. O certo é que as correrias anuais dos mouros colocam sempre em apuros o nosso rei. Ouviste falar do cerco do ano passado que causou tanto susto aos portugueses? Na fronteira dos domínios de Portugal existem algumas fortalezas sempre vigiadas, se o mouro algum dia conseguir recuperá-las... era uma vez boa parte da Andaluzia!

Como ainda tenho algum espaço, vou voltar ao assunto dos *ceitís*. No mês de julho tudo por aqui fica tão abrasado que dificilmente se encontra na cidade um poço que não secou completamente. Para não morrer de sede é necessário mandar buscar água quando ainda é madrugada. Durante o dia aparecem mulheres que andam na rua vendendo água por alguns *ceitís*. Se, por acaso, acontece de passar a cavalo um daqueles comedores de rabanete e pede de beber, ninguém vai reparar; mas ficará muito mal falado por todos se convidar alguém para ir beber na taberna. Várias vezes me aconteceu de precisar esvaziar os bolsos para poder lavar as mãos, recorrendo aos *ceitís* como âncoras de salvação. Bem podes ver que nunca tive tantas comodidades como agora...

Meu caro Látomo, só o que me resta é pedir a Deus que esse vosso amigo Nicolau nunca perca a serenidade de espírito. Recomendai-me ao Senhor nas vossas preces e assim aplicarás duplamente os benefícios da oração. Eu, ainda que quisesse, não poderia me esquecer do meu sábio mestre. Queiram os céus que ainda possamos nos encontrar e compartilhar as alegrias e tristezas como no passado.

Tecum vivere amem.

Acrescentaria de bom grado:

Tecum obeam libens,

Mas seria saber demais os poemas de Horácio, e não irias acreditar em mim. Adeus, meu bom e muito prezado mestre. Não avalies o tamanho da minha amizade e recordação pela raridade das minhas cartas. Se por acaso desgostei

em alguma coisa, acredito que será perdoado com vantagem, e podemos afirmar juntos: Chega Clenardo, como és tão exagerado! Quando não teimas em ficar quieto, desatas em uma loquacidade sem fim.

Cuidado que nenhum espião venha a saber desses segredos confidenciais, para que não me julguem mais desgraçado do que realmente sou, ou me ache insolente para com uma nação estrangeira. Enquanto escrevia fiz de conta que estávamos conversando sozinhos no quarto. Preferiria antes não ter escrito nada e ter soltado as palavras ao vento se houver algum perigo de que outros cheguem a saber dessas histórias. Especialmente, que nada disso chegue aos ouvidos de um comedor de rabanetes, de outra forma estarei irremediavelmente perdido.

Évora, 26 de março de 1535.